

ESCRITA DE MULHERES NEGRAS ENTRE MODOS DE PRODUÇÃO ALTERNATIVOS NO CONTEXTO PÓS-MODERNO E CAPITALISTA

Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza¹⁵

Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Resumo: O seguinte trabalho reflete sobre modos de produção litero-cultural e econômico de escritoras negras, incluindo essa discussão em um âmbito maior que abarca questões étnicas e de gênero. Refletimos sobre essa problemática no contexto atual do capitalismo e da constituição de uma indústria pautada pela lógica cultural-subjetiva e individualista. Para tanto nos embasaremos em autores como Alves (2010); Jameson (2004); Santos e Rodriguez (2005); Singer (2006), entre outros. Assim, como escritoras negras podem se construir dentro desse contexto, como produzem e fazem circular seus escritos? Quais relações de poder estão circunscritas nesse processo? Procuramos desse modo, visualizar em que medida elas rasuram uma ordem, mercadológica e capitalista pela tessitura de outros modos de produção.

Palavras-chave: Capitalismo. Economia solidária. Escritoras negras. Modos de produção

No contexto pós-moderno, marcado sob a rubrica do capitalismo é importante questionar quais as condições que escritores (as), aqui em especial, mulheres negras tem para produzir, publicar e fazer circular seus escritos. Através das vozes de Fátima Trinchão¹⁶ e Jocelia Fonseca¹⁷, buscamos perceber modos de operar de escritoras à margem de um sistema hegemônico.

Nesse sentido torna-se interessante atentar para modos de produção que para além de um sentido mercadológico e capitalista, visem à produção de outra economia que tenha como fundamento a valorização e o cuidado com o humano, com o social.

Sendo assim, consideramos pertinente pensar sobre os modos de operar desses grupos, especificamente aqui, refletir sobre os modos de produção de escritoras negras baianas, visando perceber, em que medida elas rasuram uma ordem literária, cultural, social, mercadológica, estatal, capitalista.

Partindo da premissa de que o capitalismo está em todo lugar, como pensar uma produção subjetiva, material, cultural, imagética, que vá além do econômico? Neste contexto,

¹⁵ Mestranda do Pós-Crítica, UNEB-Campus II, e-mail: tai_campos@hotmail.com.

¹⁶ Escritora nascida no município de Euclides da Cunha-BA, atualmente vive em Salvador, onde formou-se em Letras com Francês. Escreve contos, poemas crônicas, tendo como vertente de trabalho a valorização da cultura afro-brasileira e africana, bem como a defesa dos direitos humanos e o respeito entre os mesmos.

¹⁷ Escritora nascida às margens do Rio São Francisco, em Juazeiro-BA, onde começou seu fazer político-poético e teatral. Reside desde 1997 em Salvador, onde graduou-se em Letras. Seu trabalho tem como foco a defesa da alma fêmea, a valorização da estética e força femininas e da cultura afro-brasileira e africana.

que sentido tem a produção de grupos considerados menores, subjugados, vistos à margem desse mercado?

Pensando sobre os dispositivos de controle mercadológicos, capitalísticos, estatais, tecnológicos, podemos dizer que hoje a indústria cultural atua pelo mix desses dispositivos operando com a classificação, catalogação, identificação de coisas e pessoas em categorias.

Bataille (apud DRUMMOND, 2013) nos fala sobre um processo sociológico de homogeneização. Trazendo para esse contexto a indústria cultural e o mercado, percebemos que eles atuam, investem na homogeneização da produção e da própria sensibilidade humana, ficando esta “engessada”!

Para Adorno e Horkheimer (1994, p. 97) “Através da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência, jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens”. Segundo essa concepção não haveria então válvula de escape diante dessa indústria, que se consolida como uma grande máquina. Os indivíduos aniquilados e inertes no controle desse sistema não teriam assim, força e consciência crítica para reverter sua ordem, sem alternativa, restaria somente submeter-se como pequenas peças às engrenagens dessa indústria, o resultado disso seria o desaparecimento do indivíduo politizado que decide e que não se submete. Ainda em outro momento Adorno e Horkheimer (1985, p. 123) afirmam que: “O inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante”.

Mas será que nós estamos realmente relegados, encapsulados ao sistema formado pela indústria cultural e seus dispositivos, sem senso crítico algum ou temos uma margem de opção? Acreditamos que tudo é um jogo, e o que é decisivo são os modos de uso que fazemos dessa indústria, quando colocamos em ação nosso pensamento crítico.

O padrão da indústria cultural é o da massificação. Ela já determina o público de um produto, elaborando formatos para agradar o consumidor, isto é idealiza e classifica. O processo de massificação tanto é cultural e político quanto econômico, político cultural porque atua na submissão dos indivíduos e na sua formação subjetiva, econômico porque padroniza e vende.

Nesse contexto há um formato que se quer universal, isso nos planos social, cultural, ideológico, político, econômico, vemos propagado um formato eurocêntrico, etnocêntrico. Assim, nos questionamos qual o espaço nessa indústria para as produções afro-brasileiras? Principalmente aqui para a escrita de mulheres inscritas sob esse signo, esse pertencimento?

A ideologia eurocêntrica e elitista tem se afirmado através dos produtos culturais e nos processos de homogeneização operados por essa indústria torna-se a referência principal. A difusão de um padrão cultural e estético etnocêntrico branco pode ser visto em diversas áreas da nossa sociedade, o que não é diferente no setor literário e editorial.

Com Silva (2011) pudemos ver que uma questão levantada pelo movimento de escritores negros nos anos 80, mas especificamente com a realização do I Encontro Nacional de poetas e Ficcionistas negros, ocorrido em 1985, é a da revisão crítica do cunho etnocêntrico da indústria cultural traduzida em bloqueio editorial para com escritores e escritoras negros (as), bem como a ausência ou a deficiência de fomento estatal para com essa literatura.

Silva (2011) aborda sobre a produção literária de grupos negros, fazendo um panorama sobre sua constituição e os estudos voltados para a análise da mesma. O autor pontua a importância da articulação entre os movimentos negros e a produção literária negra, especialmente entre as décadas de 1970 e 1980, tendo como marco dessa junção a criação dos *Cadernos Negros*, coletânea de textos em prosa e verso de escritores negros de todo o Brasil. Silva ressalta que apesar dos estudos críticos voltados para a produção literária negra sempre esteve em uma posição marginal:

Neste sentido a Literatura Negra Brasileira, de seu surgimento e ao longo do século XX, deve ser considerada marginal em sua forma *produtiva* (no que tange aos recursos), *distributiva* (enquanto acesso a um público) e de *consumo* (referente à recepção) dessas manifestações em seus respectivos sistemas culturais de atuação (SILVA, 2011, p. 127).

A problemática da marginalização histórica no que se refere à produção, a distribuição e ao consumo da literatura negra ainda persiste nos dias atuais, uma vez que são visíveis os impasses e as dificuldades a que escritores negros estão expostos. Estes são ao mesmo tempo escritores, editores, divulgadores e vendedores. Deste modo, observamos que “[...] com contáveis exceções, todos os livros dos escritores negros são *edições do autor*, auto-financiadas, publicadas, distribuídas e consumidas limitadamente, sobre as quais poucos leram ou ouviram falar.” (Silva, 2011, p. 131).

Os debates levantados em 1970 pelos escritores negros continuam e as formas de produção buscam rasurar moldes tradicionais de produção literária, a exemplo dos *Cadernos Negros* que surgiram e continuam a operar de modo cooperativo, por meio da cotização de custos na elaboração dos livros, o que exemplifica um modo de produção alternativo, o desenho de uma economia solidária, sobre a qual refletiremos mais adiante.

A escritora e ativista negra Miriam Alves em *BrasilAfro autorrevelado* (2010) faz um panorama da literatura negra, evidenciando sua existência histórica mesmo sem o

reconhecimento da crítica e sua resistência frente aos bloqueios da indústria cultural e do mercado editorial.

A escritora elenca formas de produção de escritores negros, que em diferentes épocas e em entidades e manifestações negras, reelaboraram formas de produzir como alternativa à produção canônica. Os escritores publicavam em jornais da imprensa negra, difundiam seus escritos em saraus litero-dançantes, em bailes de cunho cultural afro, faziam leituras teatralizadas, formavam rodas de poemas, participavam de manifestações do movimento negro e faziam circular seus escritos das mais variadas maneiras, como em cópias xerocadas que eram distribuídas em diversos espaços, entre outras atuações.

Essa realidade não mudou muito em tempos atuais, uma vez que escritores e escritoras negras precisam criar meios para produzir e fazer circular seus escritos diante das dificuldades e impasses encontrados. Nesse processo, a produção literária e editorial de grupos minoritários, como a população negra, enfrentam diversas dificuldades para manter-se na cadeia produtiva, como podemos observar:

A Literatura afro-brasileira está sendo desenvolvida em condições financeiras, bibliográficas e editoriais precárias. É uma literatura feita mais na raça, no muque, pois os escritores negros brasileiros, devido à falta de apoio cultural, subvencional, a realizam segundo suas condições financeiras, ou seja, autofinanciamento a publicação dos seus trabalhos, poupando alguns trocados dos seus míseros salários. (KIBUKO apud SILVA, 2011, p. 128).

Ainda essas dificuldades são enfrentadas no processo de outra produção desviante dos padrões homogêneos e hegemônicos, a produção feminina. Isto pode ser visto Em *Histórias da Editora Mulheres*, de Muzart (2004) em que esta explanou as demandas e dificuldades encontradas no percurso da edição e publicação de escritos femininos. O resgate de textos e vozes femininas do século XIX foi que deu origem a criação da Editora Mulheres e mais uma vez, mostrou como a negação do reconhecimento da mulher enquanto sujeito da escritura, já vem de longas datas.

Zahidé Muzart idealizadora do projeto e uma das fundadoras da editora aponta as dificuldades encontradas nesse micro empreendimento voltado aos estudos da mulher e de gênero: “Lutamos sempre com as gráficas, as livrarias, com os distribuidores! Lutamos com a constante falta de dinheiro, porém muito mais com a permanente falta de respeito”. (MUZART, 2004, p. 104).

Como vemos os problemas que envolvem uma editora chamada Mulheres, dirigida por mulheres são muitos e surgem de um ponto principal: o preconceito de gênero e a descrença na capacidade de atuação do sujeito feminino.

Muzart assinala o cunho artesanal no início da editora, e o empenho lançado por ela e suas companheiras nas diversas tarefas de edição, revisão, editoração, bem como a necessidade do envolvimento de outras pessoas em outras tarefas, como a tradução de obras estrangeiras, tudo isso com limitações de recursos.

Ainda a autora nos fala da distribuição como um dos pontos mais difíceis nesta tarefa de editoração de obras femininas, os impasses e as dificuldades encontradas perante os distribuidores tornaram-se causa de cancelamento de contratos, o que por sua vez, retira das livrarias os livros. Assim, Muzart ressalta como a participação em feiras e eventos feministas, juntamente com a rede de publicações feministas foi fundamental para divulgar, circular suas edições, evidenciando mais uma vez como o trabalho alternativo tem sido a saída e a mola propulsora de tantas mulheres que querem falar, escrever, editar.

Ainda Porto (2004) nos indica outra alternativa na busca da divulgação de publicações feministas através do sistema de consórcio, ferramenta inovadora no campo editorial independente do Brasil.

A autora traz como ponto forte dessa iniciativa a articulação entre a rede de publicações feministas, composta pelo portal eletrônico de periódicos feministas e o consórcio. Este atua na distribuição das publicações na versão impressa em eventos acadêmicos, culturais e militantes realizados no Brasil e alguns no exterior, bem como com a parceria com instituições, livrarias e ONGs, com o objetivo de por meio dessa ação unificada pelos processos de distribuição, venda e divulgação, dar maior visibilidade às publicações.

Porto ressalta que as publicações feministas vão além das perspectivas comerciais, capitalistas, pois as informações prestadas pelos estudos de gênero são importantes não somente para as mulheres, mas para todos, independente de sexo e da identidade de gênero.

Como pudemos observar, são encontrados vários desafios e impasses no processo de produção feminina, bem como na produção literária de autores e autoras negros(as) diante do mercado, o que já revela quanto é mais problemática ainda o trabalho de produção literária de mulheres e negras, uma vez que une dois fatores de estigmatização e exclusão sociocultural.

Em entrevista realizada no dia 20 de dezembro em Salvador - BA com as escritoras Fátima Trinchão e Jocelia Fonseca, ambas negras e baianas pudemos começar a visualizar, a

partir da experiência de cada uma delas, como se configura esse mercado e como elas se veem inseridas dentro de sua dinâmica.

Jocelia Fonseca afirma desconfiar do mercado, especificamente falando do editorial, pois não acha justo o funcionamento deste. Para ela o dinheiro e esforço que o autor investe não são valorizados, não havendo o merecido retorno para quem escreve, por isso ela busca operar, produzir de modo alternativo. Tendo suas raízes de poetisa na arte teatral, foi a partir desta que construiu sua voz, expressando suas angustias, inquietações, enfim sua subjetividade em forma de poesia, aliando essa atividade da escrita à performance teatral. Rasurando um modo formal de se editar e construir um livro, suas primeiras obras foram confeccionadas de forma artesanal, em forma de livreto, com a bricolagem de imagens e palavras.

Jocelia Fonseca, além de escritora, é integrante do grupo Importuno Poético, criado em 1999 e composto por mais duas poetisas Cléa Barbosa e Lutigarde Oliveira. Jocélia, em companhia deste grupo, chamado de grupo das três sereias sertanejas, expressa e expande sua voz pelas ruas do Pelourinho, estendendo-se pelos recantos da Bahia em eventos, feiras, organizações, instituições, através da junção entre poesia, corpo, estética e performance, mostrando mais de si, da mulher negra, de sua voz e resistência. É assim, também que paulatinamente, a cada apresentação, a cada recital revela sua escrita, suas poesias, sua arte. É seu trabalho performático que acaba por mediar o processo de circulação e venda de seus escritos. Ela afirma que é assim que gosta de fazer, não isola a arte de seu produto, neste caso o livro, para ela é crucial levar ao público partículas de sua obra. Hoje o grupo Importuno poético, que tem como projeto político, social e cultural, a defesa da força e estética femininas está em sua nona publicação, a primeira em forma de livro que leva o nome do grupo e está em sua 2ª edição, com o apoio e parceria com o Sindicato dos bancários da Bahia, Departamento de Gênero e a Edições Revolu. Além disso, o grupo Importuno poético abriga na internet um blog: importunopoetico.blogspot.com.br, em que disponibiliza informações sobre suas integrantes, bem como divulga seu trabalho, através de vídeos, fotos e textos.

Já a escritora Fátima Trinchão participou de seis antologias, sendo quatro delas publicadas pela Editora Ómnira, que trabalha em parceria com a UBE- União Baiana de Escritores, com o intuito de prestar assessoria editorial à escritores independentes, abrindo espaço à produções literárias emergentes. Além disso, Trinchão faz parte do consórcio dos *Cadernos Negros*, tendo participado, até o momento, de uma de suas antologias. Fátima durante a entrevista nos aponta o quão é difícil ser mulher negra e escritora, por isso ainda

utiliza outro artifício para fazer escoar sua produção: expõe seus textos nos formatos de contos, artigos, crônicas e poesias no seu site fatimatrinchao.net. O site comporta páginas de acesso ao perfil da autora; seu diário; áudios; fotos; Livro de visita; Livros à venda; Contato e outros links! O interessante é que as informações, as produções têm a opção de serem enviadas por e-mail e nesse processo você é solicitado a indicar um amigo para receber também o texto, o que consideramos mais uma forma de fazer circular sua produção. Para nós esse uso da tecnologia, das suas possibilidades de reprodutibilidade e propagação, se constitui como uma tática empreendida por Trinchão, para fazer circular sua produção frente ao controle, à negação da existência de uma produção feminina negra, que tem muito a contribuir com o pensamento crítico, intelectual no que concerne à apropriação da escrita pela mulher negra, enquanto sujeito que fala, que pensa, e que produz outras construções culturais. Demonstrando que:

Mesmo não estando no circuito das edições formais, a Literatura negra percorre caminhos paralelos aos institucionalizados pela indústria cultural e distantes dos cânones acadêmicos; divulga e immortaliza não só os textos como alguns de seus autores. Ultimamente, tal atitude tem sido ampliada através do vasto território da internet. (ALVES, 2010, p. 48).

As atividades empreendidas por Trinchão com o site e Fonseca com o blog nos indicam uma forma positiva do sujeito artístico se apropriar da reprodutibilidade técnica, o que nos leva a refletir os modos de usos sobre essa ferramenta tão utilizada nos dias de hoje.

Assim, levando em consideração que todos nós estamos no campo do poder, mesmo que em posições diferenciadas, é preciso evidenciar as táticas que os produtores artísticos, culturais, literários fora do centro desse mercado, criam para se fazerem vistos reconhecidos, não somente com o intuito de vender, mas de não deixar morrer uma voz, uma luta, uma história, outra produção cultural que não se deixa cooptar pelo homogêneo, o normatizado e instituído.

As escritoras baianas fora do centro desse mercado, trabalhadas aqui nesse texto, nos indicam alguns caminhos táticos que fomentam uma relação com o mercado, através mesmo do uso de seus próprios dispositivos, o trabalho com a imagem, a performance, com produções alternativas e o uso da internet e de sua reprodutibilidade técnica. Desse modo, tencionam relações de poder com o mercado, uma vez que buscam meios alternativos, para serem lidas, ouvidas, ou seja, constroem seu percurso através do chamado “trabalho de formiguinha”, luta a luta, ação a ação, tática a tática.

É, pois no contexto capitalista, pós-moderno e globalizado, permeado por dispositivos de controle de poder vários, que os sujeitos sociais, a exemplo das escritoras negras baianas

trabalhadas nesse texto, que de forma não alienada, mas ativa, pensante, produtiva buscam se apropriar desses próprios dispositivos, num embate de forças, no estabelecimento de relações de poder.

Essas literaturas periféricas criam um lugar na economia da cultura através de novas formações discursivas e novos modos de agenciamento que contribuem com a constituição de uma economia solidária para a literatura e a cultura. A necessidade de modos de produções que contestem e rasurem a hegemonia capitalista e hegemônica, é importante, visto que: “O capitalismo se tornou dominante há tanto tempo que tendemos a tomá-lo como normal ou natural. O que significa que a economia de mercado deve ser competitiva em todos os sentidos [...]” (SINGER, 2006, p. 7).

O problema é que, como nos aponta o autor acima citado, a competição na economia gera sérios efeitos sociais, produz desigualdades, pois os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores desvantagens que são levadas em consideração em futuras competições. Desse modo há a produção contínua de desigualdades e a polarização entre ganhadores e perdedores. Sem contar ainda que no sistema capitalista o lucro é o exclusivo fim de todas as atividades desenvolvidas.

Para esse problema, o autor nos indica a economia solidária, como uma saída plausível para a constituição de uma sociedade pautada pela igualdade entre seus membros. O princípio básico dessa forma de produção é o da cooperação em vez da competição, ou seja, “A chave desta proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais.” (SINGER, 2006, p. 9). O resultado disso é a solidariedade e igualdade.

Podemos constatar a partir de grupos minoritários, como o formado por escritores (as) afro-brasileiros (as), a tessitura de uma produção baseada na cooperação entre iguais, entre sujeitos marginalizados historicamente, mas que buscam produzir, e essa produção é feita muitas vezes de modo cooperativo, como nos Cadernos Negros, em edições coletivas, como as realizadas por tantos escritores e escritoras negras, a exemplo de Jocelia, que ao unir-se a mais duas poetisas feministas vão contra uma lógica individualista e competitiva perpassada pelo capital. Verificamos que a economia criativa permite gerar renda “mesmo que mínima para os grupos subalternos, como o de Jocelia, por meio de suas atividades artísticas culturais. Mas, para além do intuito de uma indústria cultural mercadológica, que visa apenas as vendas e o lucro, as escritoras negras querem infundir suas vozes como forma de intervenção social, cultural e política em prol do respeito às alteridades.

Nessa linha, Boaventura Santos e César Rodriguez (2005) nos apontam que mesmo os vários séculos de predomínio do capitalismo não conseguiram cessar a indignação e a resistência aos valores e práticas desse sistema.

Segundo os autores o confronto ao capitalismo perpassa por uma globalização anti-hegemônica e ainda pela luta contra outras formas de domínio como o patriarcado e o racismo. Como vemos o capitalismo associa-se a outras formas sistemáticas de opressão, justamente às quais as escritoras negras buscam questionar, desestruturar.

Ainda, nesta discussão, é pertinente pontuar práticas e valores capitalistas, levantados pelos autores, que as alternativas críticas buscam superar: Em primeiro plano as desigualdades de recursos e de poder fomentadas pelo capitalismo, marcadas pela subordinação do trabalho ao capital; As diferenças de classe, que acabam gerando diferenças de gênero e reificando a sociedade patriarcal; Ainda as relações de concorrência enquanto regra do mercado capitalista que produz formas de sociabilidade empobrecidas, em que a relação de cuidado com o outro é minada, em detrimento do benefício pessoal.

Assim, as questões problematizadas pelos autores nos levam a pensar outras formas de distribuição de renda, de riqueza, que não se limite apenas ao dinheiro, mas que passe pela perspectiva social, humana. Fundamental é refletir sobre as formas de exploração e de anulação do sujeito, buscando alternativas para encerrá-las ou ao menos minimizá-las. Crucial é operar uma produção na perspectiva da relação entre os sujeitos, em que o cuidado com o outro seja o cerne e a direção.

Destarte, essa relação com o mercado deve ser constantemente problematizada, potencializada, pois tem algo nas escritoras negras, como Trinchão e Fonseca que está reagindo a esse mesmo mercado, mostrando que é possível outro tipo de experiência ali. É pelos modos de operar com os próprios dispositivos mercadológicos, tecnológicos, estéticos da indústria, que essas mulheres rasuram um percurso literário, editorial que se quer estável. É ousando produzir, com a criatividade e as ferramentas que têm, que infundem nesse mercado outras vozes, outros modos de produção, outros modos de vida. As escritoras negras constroem assim linhas de fuga para com uma lógica cultural, capitalista e mercadológica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. A indústria Cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *A indústria Cultural Reconsiderada*. In: Theodor W. Adorno, sociologia. Cohn, G. (Org.). São Paulo, 1994.

ALVES, Miriam. Literatura Negra. In: *BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

COSTA, Claudia de Lima; MACHADO, Rita Maria Xavier. www.portalfeminista.org.br: uma biblioteca virtual dos estudos feministas e de gênero no Brasil. In: *Revista Estudos Feministas*. [online-scielo]. 2004, set./dez. v. 12, n. spe, p. 185-191.

DRUMMOND, Washington Luís Lima. *A escrita literária: heterologia, despesa e os dispositivos estatais*. Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC. UEPB: Campina Grande, 2013.

JAMESON, Fredric. A lógica cultural do capitalismo tardio. In: *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2004. p. 27-79.

MUZART, Zahidé Lupinacci. História da Editora Mulheres. In: *Revista Estudos Feministas*. [online-scielo], set./dez. v. 12, 2004, p. 103-105.

PORTO, Rozeli Maria. Consórcio de publicações feministas: a visibilidade do feminismo e sua divulgação. *Revista Estudos Feministas*. [online-scielo], set./dez. v. 12, 2004. p. 169-181.

SANTOS, Boaventura dos; RODRIGUEZ, César. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In: *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005. p. 23-32.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Literatura negra como literatura marginal: Brasil, 1980. In: FERREIRA, Elio; MENDES, Algemira de Macedo (Org.). *Literatura afrodescendente: memória e construção de identidades*. São Paulo: Quilombhoje, 2011.

SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.